

CADERNOS DE FOLCLORE

15

RAUL GIOVANNI LODY

# Pano da costa



Presidente da República Federativa do Brasil  
*Ernesto Geisel*

Ministro da Educação e Cultura  
*Ney Braga*

Departamento de Assuntos Culturais  
Diretor-Geral: *Manuel Dêgues Júnior*

Fundação Nacional de Arte — FUNARTE  
Presidente: *José Cândido de Carvalho*  
Diretor-Executivo: *Roberto Parreira*

Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro  
Diretor-Executivo: *Bráulio do Nascimento*

Folclore. 15.00  
5

# Pano da costa

RAUL GIOVANNI LODY



Ministério da Educação e Cultura  
Departamento de Assuntos Culturais  
Fundação Nacional de Arte-FUNARTE  
Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro  
Rua do Catete, 179 ZC-01 20.000 Rio RJ

**CADERNOS DE FOLCLORE**  
(Nova série)

1. Edison Carneiro — *Capoeira*, 1975; 2.<sup>a</sup> edição, 1977.
2. M. Diégues Júnior — *Literatura de cordel*, 1975; 2.<sup>a</sup> edição, 1977.
3. Renato Almeida — *Folclore*, 1976; 2.<sup>a</sup> edição, 1977.
4. Beatriz G. Dantas — *Taieira*, 1976.
5. Maria de Lourdes Borges Ribeiro — *O folclore na escola*, 1976.
6. Luís da Câmara Cascudo — *Mitos brasileiros*, 1976.
7. Raul Giovanni da Motta Lody — *Afoxé*, 1976.
8. Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo — *Medicina Popular*, 1976.
9. Beatriz G. Dantas — *Dança de São Gonçalo*, 1976.
10. Saul Martins — *Arte e artesanato folclóricos*, 1976.
11. Veríssimo de Melo — *O conto folclórico no Brasil*, 1976.
12. Guilherme S. Neves — *Ticumbi*, 1976.
13. José Maria Melo — *Enigmas Populares*, 1976.
14. Beatriz G. Dantas — *Chegança*, 1976.
15. Raul Giovanni Lody — *Pano da costa*, 1977.

## PANO DA COSTA

Presença e distintivo do posicionamento feminino nas comunidades religiosas afro-brasileiras, o pano da costa não é apenas um complemento da indumentária da negra; é a marca do sentido profano ou religioso nas ações da mulher como iniciada ou dirigente dos terreiros.

É evidente a marca e força femininas nas roças de Candomblés sendo através de atitudes, procedimentos e maneiras de trajar que o poder da mulher é fixado, mantendo os valores dos fundamentos religiosos e sociais, norteadores da perpetuação do "Axé" (força mágica), base e pilar dos centros religiosos implantados pelos negros, em especial os "Iorubas".

Presente como peça indispensável no traje da negra baiana, o pano da costa pode significar "status" social nas comunidades religiosas dos terreiros de Candomblés. O uso do pano da costa também serve para representar o traje profano da baiana, focalizando, inclusive, tipos de atividades econômicas ou de agremiações. As baianas de rua, conhecidas como vendedeiras, quituteiras ou baianas de tabuleiros, têm nos turbantes e panos da costa suas marcas características. É comum notarmos nas ruas da cidade do Rio de Janeiro essas vendedeiras, nem sempre utilizando o traje completo. No entanto, os colares, brincos, "Idés" (pulseiras), turbantes e os panos da costa não podem faltar.

Esses distintivos servem para fixar os elementos de maior significação no traje, representados nas cores dos fios de contas dos "Orixás", bem como mostrando seus domínios e campos de ação. Pode-se observar, nos metais variados dos "Idés" e brincos, a presença dos mitos "Iansã" pelo cobre, "Ogum" pelo ferro, "Iemanjá" pelo alumínio ou "Oxum" pelo latão.

Os turbantes possuem carga de importância para identificar a pessoa que o porta, mostrando a presença dos "Orixás". Exemplo: se a pessoa é dedicada às "Iabás" (divindades femininas), os turbantes possuem as pontas à mostra, sendo mais farta a quantidade de tecido. Sendo a pessoa dedicada aos "Aborós" (divindades masculinas), os turbantes são mais enrolados na cabeça, não aparecendo as pontas.

Apesar de todos os simbolismos encontrados nos turbantes, é através do Pano da Costa listrado, liso, estampado ou de renda que a mulher pode demonstrar sua posição hierárquica e, por conseguinte, marcar a sua presença pelos fortes elos que determina a sua representação africanista.

Tais exemplos podem ser observados em Salvador (BA) e outras cidades daquele Estado, bem como cidades do Nordeste onde as vendedeiras se apresentam nas ruas e praças públicas. No entanto, nem sempre, neste último caso, o pano da costa é utilizado.

O nome "PANO DA COSTA" é a primeira grande questão que podemos levantar ao abordar o tema. Pano da costa será assim chamado por ter sido um tipo de tecido vindo da costa dos escravos, costa Mina, Costa do Ouro? Ou pano da costa é assim conhecido porque este tipo de acessório do traje da negra baiana pende do ombro para as costas?

Os tecidos comuns substituem hoje o tradicional "pano de madrasto" — tecido em tear manual e geralmente bicolor.

Importa observar a continuidade de funções do pano da costa, apesar do quase total desaparecimento do tecido original. A operacionalidade do pano amarrado à altura do busto, durante as danças rituais dos terreiros de Candomblés, serve para mostrar o respeito diante dos Orixás, constituindo-se um verdadeiro tabu, pois uma iniciada, ao participar das "rodas" dos Orixás, sempre deverá utilizar o pano da costa. Apesar de a participante não estar trajada a caráter (geralmente traje de baiana), está deverá portar sempre um pedaço de tecido que possa funcionar como pano da costa e ser utilizado, quando necessário, durante as cerimônias.

Tais atitudes também são respeitadas quando as iniciadas vão praticar o "Dobalé" (cumprimento ritual estendendo o corpo no chão), para uma Ialorixá ou outra pessoa de elevada posição. Ao realizar a visita ao "Peji" (santuário), a iniciada deverá estar portando o pano da costa, que atua simbolizando respeito, posicionamento de humildade diante dos Orixás, e marca a sua atitude religiosa.

As utilidades de um pano da costa na ampla ação dos costumes e preceitos dos terreiros podem ser situadas, nas evidências mais comuns e nas cerimônias da mais alta importância. Interessa, para avaliarmos e entendermos o pano da costa no panorama religioso afro-brasileiro, penetrar nos conceitos e valores que norteiam os ritos e toda importância da mulher como elemento base dos relacionamentos mágicos e portadora, nos seus trajes, dos emblemas sociais, que controlam e ordenam toda complexidade das práticas.

No campo da funcionabilidade tudo se torna importante, na medida em que os condicionamentos vão se travando e efetivando suas ações nas evidências das cerimônias dos terreiros. Daí situarmos as funções das cores dos panos da costa como representativas das cores simbólicas dos Orixás:

- pano da costa branco pertence a "Oxalufan" e "Oxaguian",
- pano da costa vermelho e branco pertence a "Xangô" e "Iansã",
- pano da costa azul e branco pertence a "Oxosse",
- pano da costa vermelho e amarelo é dedicado a "Ogum",
- pano da costa roxo e branco é dedicado a "Omulu" e "Naná".

Assim é obedecida a seqüência das cores nas representações dos Orixás, incorporando os votos e motivos mágicos que determinam as funções de cada um.

Tomando como exemplo os terreiros "iorubas", situamos as correspondências básicas entre cores e Orixás, havendo, naturalmente, variações entre as representações simbólicas do pano da costa em outros tipos de práticas, como as dos terreiros "Jeje" e "Angola-Congo".

A situação do pano da costa é da maior importância, se colocarmos a presença da mulher como símbolo do poder sócio-religioso e arquétipo dos valores mágicos da fertilidade, isso motivado pelas formas anatômicas características da mulher.

O sentido protetor do pano da costa é outro aspecto que merece atenção. As "Iaôs" (noviças), ao terminarem o período de confinamento no interior dos templos, começam a travar seus primeiros contatos com o mundo exterior. Iniciam sua nova vida protegidas pelo pano da costa branco que representa o prolongamento do "Alá" de "Oxalá". A "Iaô", envolvendo praticamente todo o seu corpo no grande pano da costa branco, procura manter os valores religiosos de sua feitura quando em contato com os valores profanos encontrados extramuros dos terreiros.

Nos rituais fúnebres conhecidos por "Axexês" e "Sirrums", a mesma proteção do pano da costa, atado como capa envolvente mágica, aparece guardando as mulheres das presenças dos "Eguns" (mortos). Sentimos que o pano da costa não é apenas uma simples peça pertencente ao traje tradicional encontrado nos terreiros. Observamos a profunda conotação sócio-religiosa desse simples pedaço de tecido, que atua em tão diversificadas situações, desempenhando papéis dos mais significativos e necessários para as sobrevivências rituais africanistas.



O uso do "Alacó".



Filha de Santo portando o "pano da costa" em forma de rodilha.

## *O PANO DA COSTA É O SÍMBOLO DA POSSESSÃO DO ORIXÁ*

Durante as realizações das festas públicas dos terreiros ou nas cerimônias de cunho privado, o processo de possessão do "Orixá" em uma iniciada é comum. Quando tal mister é evidenciado, as auxiliares femininas diretas na hierarquia, no caso as "Equedis", se preocupam em tomar o traje do Orixá que se apresenta de acordo com os preceitos religiosos dos ritos.

Entre as primeiras providências, os calçados são retirados, jóias e outros adereços profanos e, imediatamente, o pano da costa é amarrado a tiracolo para frente, na altura do busto, ou amarrado para trás, arrematado em laço.

Tais procedimentos evidenciam características das divindades que se manifestaram em suas iniciadas. As divindades masculinas recebem tratamento e distinção, tendo o pano da costa amarrado a tiracolo ou para trás. As divindades femininas são caracterizadas com os panos da costa amarrados na altura do busto ou possuindo um laço de arremate.

Assim, as iniciadas estão preparadas para dançar e cantar, através de coreografias preestabelecidas, as lendas, histórias e enredos dos seus Orixás. Tal situação é temporária quando, em seguida, as iniciadas são recolhidas aos "Roncós" ou "Sabagis" (locais de uso privado das iniciadas, onde os trajes rituais dos Orixás são vestidos). Assim, as roupas especiais, símbolos dos Orixás, bem como suas ferramentas são dispostas de acordo com a divindade, preparando a iniciada para as danças mais importantes do seu Orixá. O pano da costa, no entanto, continua presente, representando o sentido masculino ou feminino da divindade, ou, quando ocorrer, evidenciando os aspectos bissexuais do Orixá. Hoje os panos da costa já perderam, e muito, o seu sentido estético original. Através de variados tipos de tecidos, a plasticidade primitiva do pano da costa continua a sua função. O significado mágico é importante na vivificante presença desse pano marco-símbolo dos adeptos e praticantes dos costumes religiosos afro-brasileiros.

## *O PANO DA COSTA COMO SÍMBOLO DO PODER SÓCIO-RELIGIOSO*

Duas qualidades distintas do pano da costa estão presentes na memória popular, em especial na Bahia — Capital e Recôncavo. Os panos de fina textura — também chamados de chales da costa, eram feitos com fios de seda, e alguns possuíam franjas, talvez influência ou observação dos modelos de chales usados pelas mulheres vindas

da Europa, em especial as dos colonos. Pode-se observar notada presença dos chales espanhóis nos modelos encontrados com as negras baianas. Não só esse detalhe da indumentária religiosa afro-brasileira possui grandes sobrevivências européias. As grandes saias rodadas e mesmo as chinelas, pequenas para os pés, têm sobrevivência ibérica.

A outra qualidade do pano da costa, e a mais comum, era feita em fios de algodão, geralmente bicolor e em madras. Esse tipo de pano da costa era usado pelas mucamas verdadeiras e as mulheres ligadas aos terreiros de Candomblés. Esse tipo de tecido era muito comum nas feiras e mercados, e a maioria deles vinha da África, juntamente com os condimentos culinários necessários ao culto, e também o azeite de palma ou dendê participava do comércio.

O pano da costa possui um tamanho, podendo variar um pouco na largura ou comprimento. Geralmente, mede 2 metros de comprimento por 60 centímetros de largura, sendo esse o tamanho comum.

Os "Alacás" (grandes panos) também são situados ao nível do pano da costa tradicional. O "Alacá" é utilizado por pessoas de graduado posicionamento na organização sócio-religiosa dos terreiros. Além de o *status* social ser predominante no uso do "Alacá", o poder aquisitivo de seu portador também é uma evidência, pois, usando o "Alacá", a pessoa mostra o seu nível social.

A maneira de portar o "Alacá" também possui os critérios encontrados para o uso do pano da costa. O "Alacá" é utilizado enrolando o tecido sobre um dos ombros, passando pelo corpo, voltando ao ombro de origem, dando, assim, duas grandes pontas: uma para frente e outra para trás.

As cores dos "Alacás" também estão vinculadas às presenças dos Orixás, representando no simbolismo das cores suas funções mágicas. A qualidade do tecido do "Alacá" também serve para determinar o uso do mesmo, quer dizer, se o tecido for mais fino, o uso está vinculado às festas especiais do terreiro, sendo o "Alacá" em algodão, ou outro tipo de pano de textura semelhante, o comum no dia-a-dia das roças. Observa-se hoje algum desconhecimento sobre o "Alacá" e seu uso. O pano da costa, em sua concepção mais comum, é o encontrado e utilizado pelos praticantes dos cultos afro-brasileiros. Pode-se dizer que, nas evidências dos Candomblés, o "Alacá" não é peça comum nas indumentárias de cunho religioso.

É restrito o aparecimento do "Alacá" nas roupas ditas de cunho religioso, não aparecendo em situações encaradas como profanas, em especial, fora dos limites dos terreiros.

Evidenciando o posicionamento religioso e hierárquico, o tradicional pano da costa é encontrado em forma de rodilha, e amar-

rado na altura da cintura. Isso significa que o seu portador não é apenas um iniciado dos terreiros, e sim uma pessoa de certo posicionamento, passado por ritos preparatórios que determinam a sua nova condição. As "Ebambis" (mulheres iniciadas há mais de sete anos) têm como marca característica o uso do pano da costa em rodilha. As "Equedis" também utilizam o pano da costa dessa maneira, representando a sua alta posição na comunidade religiosa. Assim, as pessoas, sem serem anunciadas, já são reconhecidas pela posição, quando a observação se faz sobre a maneira de usar o pano da costa. Caracteriza-se o uso desse pano como emblema social, religioso e ético.

### *O PANO DA COSTA DAS NEGRAS CACHOEIRANAS*

A Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Boa Morte, que na cidade de Cachoeira — BA, durante o mês de agosto, em especial, no dia 15, realiza uma grande procissão, possui no campo dos adeptos as tradicionais negras da Irmandade que, paramentadas dentro de seus preceitos, mostram suas insígnias de negritude e fé. O ponto alto dos festejos é a união da presença de Nossa Senhora da Conceição e sua interpretação pelos adeptos dos Candomblés, que unem a Santa aos Axés dos seus Orixás. Em especial, podemos situar "Abê" (divindade aquática dos mares) e "Aziri Tobossi" (divindade aquática dos rios e regatos).

A manifestação popular que caracteriza esse evento religioso não possui grande número de adeptos. As negras geralmente velhas formam uma espécie de congregação fechada, procurando manter valores rígidos, que estão pautados no forte espírito religioso com que procuram unir a Santa homenageada às divindades dos terreiros.

A procissão noturna é o grande ponto das comemorações, quando as negras da Irmandade iluminam com os tocheiros as ruas de Cachoeira.

O que importa agora é o traje da negra cachoeirana e, em especial, o seu pano da costa.

A grande saia pesada e preta é plissada, camisa de crioula e bata em bordados e rendas brancas; na cabeça, o conhecido turbante cachoeirano, farto pela quantidade de pano, armado e tendo duas grandes pontas em pé, popularmente chamadas de orelhas, e o pano da costa, usado à maneira profana, é em tecido preto forrado de vermelho. Dessa maneira, o traje é apresentado tendo como complemento as jóias em ouro, tais como: correntes, braceletes, pulseiras, argolas e pencas de amuletos contendo cabacinhas, dentes encastuados, figas em corais e marfim, além das tradicionais formas

de frutas, animais e armas brancas, que constituem os principais amuletos da penca.

O pano da costa encontrado nesse traje é um pouco menor, possuindo, no entanto, a mesma importância social, religiosa e até moral que envolve o seu simbolismo.

As chinelas são também importantes. As negras mais antigas usavam as chinelas brancas, possuindo pontas viradas, tais como as encontradas nas indumentárias mouras; hoje, praticamente, não mais se observa tal presença, embora continuando o uso de chinelas de cor branca.

Mostrado no traje da negra cachoeirana, o pano da costa aparece em mais uma manifestação religiosa e popular, misto de devoção católica e presença dos cultos dos Orixás, e também no "Vodu" pela grande presença de terreiros Jeje em terras de Cachoeira e São Félix.

### *O ARTESANATO DO PANO DA COSTA*

Praticamente extinto, o pano da costa tradicional, feito de algodão e tecido em tear manual, encontra em um velho artesão-tecelão, na cidade de Salvador — BA, sua sobrevivência. E, na realidade, o desaparecimento por completo se fará quando esse mestre em tecer os panos das filhas de santo dos terreiros vier a morrer. A continuidade do trabalho artesanal geralmente está vinculada ao interesse familiar, quando as técnicas são perpetuadas pelas gerações mais jovens, mantendo as mesmas características dos trabalhos originais.

O único artesão popular que fabrica panos da costa é ABDIAS DO SACRAMENTO NOBRE, natural de Salvador e descendente de africanos. Os ensinamentos da arte de tecer panos da costa, recebeu de Alexandre Gerardis da Conceição, seu padrinho africano que trabalhava exclusivamente para os terreiros, fornecendo panos da costa, que eram usados pelas filhas de santo.

"Mestre Abdias", como é chamado e conhecido, trabalha todos os dias e, em média, o tempo de produção é de 6 horas. A fabricação do pano da costa é muito demorada e trabalhosa, pois todos os fios de linha são esticados, um a um, e depois tecidos em tear manual. O processo original é observado na íntegra. "Mestre Abdias" respeita os ensinamentos aprendidos e continua a tecer os panos dos Orixás seguindo com rigor as etapas de execução do mesmo.

Para aprontar o pano da costa, "Mestre Abdias" trabalha continuamente dois ou três meses, quando apronta uma única peça que será vendida, em média, por Cr\$ 5.000,00 (preço levantado em janeiro de 1976).

"Mestre Abdias", quando indagado sobre o consumo do pano da costa, assinalou que o poder aquisitivo das filhas de santo não alcança o preço cobrado. A produção dos panos é canalizada aos turistas ou colecionadores, que vêem neles o atrativo estético e não o simbolismo religioso ou social.

O artesão — "Mestre Abdias", também foi indagado sobre os nomes populares que servem para designar o pano da costa. Estabelecido um último relacionamento entre o pano da costa e o Orixá, assim designou o artesão:

— Existem os panos de Oxalá, de Ogum, Oxumarê e Ewá, que têm nas cores do arco-íris os seus símbolos, e os panos de Iemanjá, Abaluaiê e Nanã que são representados na cor roxa.

Dessa maneira, personalizando cada pano da costa como um tipo diferente e peculiar, "Mestre Abdias" amplia as focalizações sobre os variados aspectos funcionais e simbólicos do pano da costa, e sua importância dentro dos rituais dos terreiros:

— Pano de cuia é outro termo encontrado para designar pano da costa. Essa maneira de chamar caiu em desuso.

E assim "Mestre Abdias" justifica pano de cuia:

— É chamad pano de cuia porque as negras, quando iam vender os panos, dobravam os tecidos dentro de grandes cuias (meias cabaças). Nas feiras e mercados os fregueses chamavam de pano de cuia, ficando assim conhecido.

O tecido era colocado nas cuias com o objetivo de protegê-lo e fixar os trabalhos do bate-costura, que eram feitos com pedaços de madeiras ou seixos.

O processo de costurar o pano da costa realizado por "Mestre Abdias" é o primitivo. As tiras feitas no tear manual, mais tarde são costuradas, formando o tecido, finalmente sendo as costuras batidas com um seixo.

Geralmente, as pessoas concebem o pano da costa como um tecido feito em peça única, o que não é verdade. O pano da costa é tecido em tiras, possuindo o comprimento original, e tendo a largura de aproximadamente 15 centímetros cada uma das tiras. São necessárias quatro dessas tiras, que, unidas através da costura manual, formam o pano da costa tradicional sob todos os aspectos, ou seja: textura do tecido, tamanho, técnica artesanal e condicionamento simbólico entre as cores e os Orixás.

A paciência e vocação são dois quesitos dos mais necessários ao artesão que trabalha e conhece o mister dos panos da costa. "Mestre Abdias" se sente o único a realizar essa arte e também sente o desaparecimento da técnica.

### *O TEAR DO PANO DA COSTA*

Dois tipos distintos de tear são encontrados para os trabalhos dos tecelões que se dedicam ao pano da costa. O tear feminino é aquele onde a mulher trabalha em pé e o masculino é aquele onde o homem trabalha sentado. O tear de "Mestre Abdias" possui as mesmas características dos teares encontrados na África Ocidental — em especial na Nigéria, sendo a técnica desenvolvida a mesma. Assim é constituído o tear de "Mestre Abdias": liso, pente, taboca, fuso, peso de madeira, vergalhão, roda, canela ou cuia (meia cabaça) e pedal. O Jacarandá é a madeira que constitui o tear e, segundo o artesão, esse já trabalha há mais de cem anos.

O tipo de linha hoje utilizada é o industrializado, substituindo os fios preparados pelo artesão, que eram tecidos do algodão, sendo esse processo muito mais trabalhoso e demorado.

A intimidade entre artesão e tear é a situação base para desencadear um bom trabalho, como explica "Mestre Abdias". Crê-se que um todo é conseguido quando tecelão e tear se unem em única peça para produzir um fruto comum.

"Mestre Abdias", entre outras coisas, me disse:

— Não é lindo o pano da costa?

### *GLOSSÁRIO*

*Abaluaiê* — divindade das doenças, em especial aquelas que tenham conotação de epidemias. Abaluaiê é também conhecido como Obaluaiê e Omulu. Dentro dos terreiros de Candomblé Kêtu, essa divindade é relacionada com São Lázaro ou São Roque.

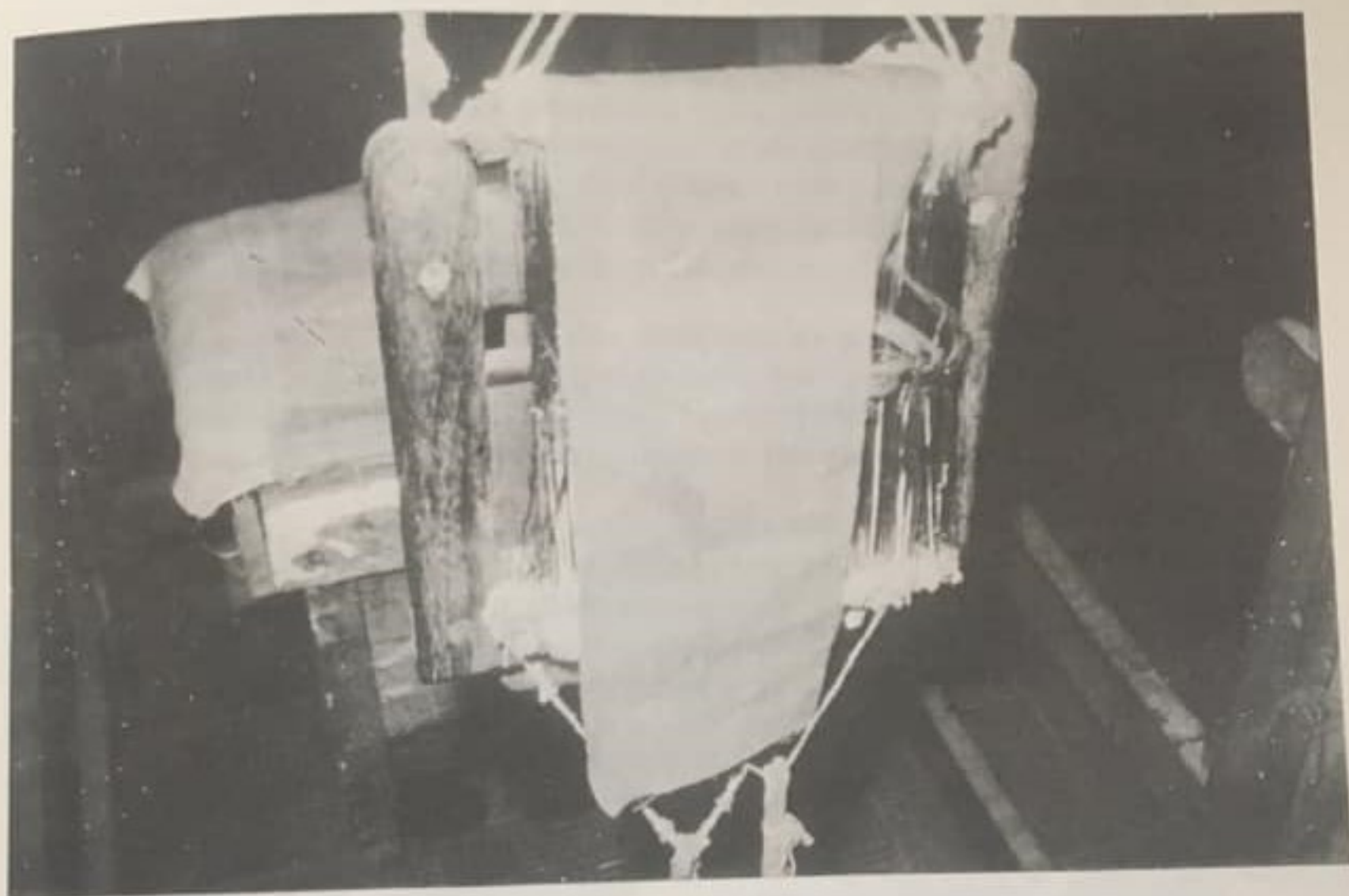
*Abê* — divindade aquática que, na mitologia dos negros vindos do Daomé, representa o mar. Abê é considerado um Vodou, mito responsável pela maternidade, fertilidade e pelas águas salgadas, representando o significado mágico das águas como fonte da vida. Abê possui culto muito restrito aqui no Brasil. Apenas alguns terreiros do rito Jeje cultuam e conhecem os fundamentos desse Vodou que, comparando, seria praticamente o mesmo que Iemanjá para os negros Iorubanos.

*Axexé* — conjunto de cerimônias fúnebres realizadas pelos terreiros de Candomblé, especialmente os terreiros Iorubas. O Axexé dura, em média, sete dias, quando o morto é reverenciado e preparado dentro dos preceitos das práticas dos Candomblés. Essas cerimônias integrantes do Axexé são de cunho privado, havendo, no entanto, ritos públicos abertos à comunidade. O Axexé é restrito aos iniciados dos ritos afro-brasileiros, ocorrendo suas realizações em datas especiais, quando nos terreiros todos trajam o branco, cor representativa do Luto dos Candomblés.

*Aziri Tobossi* — divindade com conotações infantis — Aziri Tobossi é um Vodou e, como tal, é cultuado, em especial, nos terreiros Jeje, na Bahia, Maranhão e Estado do Rio de Janeiro. Esse Vodou representa as águas doces, tendo seus domínios fixados nos rios, cachoeiras e regatos. Aziri Tobossi, dentro da concepção Iorubana, seria, praticamente, o mesmo que Orixá Oxum.

*Baianas de Tabuleiro* — mulheres que vendem publicamente os pratos dos Orixás, em especial o "Acarajé" e o "Abará". Doces são também comuns nas vendas, incluindo o bolo de milho, tapioca, aipim, Lelé (bolo de canjiquinha de milho), cocada e outros quitutes, tradicionais nas ruas do Rio de Janeiro e Salvador. As quituteiras perpetuam nesse trabalho as presenças dos "negros de ganho" nas suas comidas, dentro dos padrões tradicionais. As "vendedeiras", "quituteiras", "baianas de tabuleiro" ou simplesmente "baianas", integram o cenário da cultura "folk" dos grandes centros urbanos do Rio de Janeiro e Salvador. Nas ruas das cidades desempenharam várias atividades, e as mulheres se dedicavam quase que exclusivamente a vender comidas para a população mais pobre, clientela das mais numerosas então. Hoje é de hábito constatarmos uma clientela assídua das baianas quituteiras que continuam a vender.

*Candomblé* — local do culto, nome de ritual ou designação genérica dos redutos dos templos africanistas que sobreviveram no Brasil. As designações "Terreiro de Candomblé", "Roça de Candomblé", "Festa de Candomblé", "Obrigação de Candomblé" e "Adepto de Candomblé" são expressões comuns e fazem parte do nosso vocabulário diário, incluído nos diálogos, inclusive das pessoas não ligadas diretamente aos cultos afro-brasileiros.



O tear, manual.



Artesão tecendo o "pau da costa".

*Equedi* — cargo exclusivamente feminino. A Equedi é uma escolhida pelos Orixás para desempenhar os papéis de auxiliar direta nos rituais dos Candomblés. As iniciadas devem obediência e respeito às Equedis, que também são chamadas de “mães”. As Equedis ocupam alto “status” na hierarquia religiosa dos Candomblés, sendo posicionadas ao nível do comando juntamente com os dirigentes dos terreiros.

*Ewá* — Orixá Iorubano, possuindo culto praticamente extinto. Ewá é uma divindade relacionada às águas doces e ao arco-íris. Juntamente com Oxumaré, Ewá é um Orixá que possui conotações guerreiras, havendo similitudes com Iansã, inclusive nas cores votivas — o vermelho e marrom são as mesmas.

*Iansã* — Orixá dos ventos, das tempestades e dos coriscos. Essa divindade é de grande popularidade, tendo o seu relacionamento católico com Santa Bárbara. Iansã aparece nos terreiros como um dos Orixás mais irrequietos e temperamentais.

*Iemanjá* — divindade das águas, ocupando, no Brasil, o domínio dos mares. Iemanjá é o Orixá que representa a maternidade dos demais Orixás, juntamente com Nanã. Expressivos cultos públicos são realizados na costa brasileira, quando os adeptos oferecem flores, fitas, perfumes e alimentos sagrados em honra à Iemanjá. Assim, os cultos são estabelecidos e os costumes sobrevivem, tendo também na figura de Iemanjá a fixação do mito sereia e todos os valores simbólicos da fertilidade e seus relacionamentos com as águas.

*Naná* — divindade das águas, também dita a mais velha das águas. Esse Orixá representa a maternidade, a lama e as chuvas. Nanã é representada como uma das mais velhas divindades, possuindo culto dos mais populares, e seu relacionamento católico é feito com Nossa Senhora Sant’Ana.

*Ogum* — divindade bélica e patrono dos agricultores. Ogum é o Orixá das estradas e dos caminhos. Dança nos terreiros como se estivesse lutando, tem espada ou facão e suas atitudes são de grande expressão e movimentação. Ogum é relacionado ora com São Jorge ora com Santo Antônio.

*Omolu* — Orixá das doenças e das curas. Divindade das mais temidas e respeitadas nos terreiros de Candomblé. Omolu apresenta-se coberto de palha da costa e búzios, levando o “xaxará”, espécie de vassoura ritual.

*Orixá* — designação utilizada para determinar forças ou manifestações específicas da natureza. Os Orixás se evidenciam pelo campo de ação e domínio mitológico. Cada Orixá possui uma característica peculiar de acordo com as funções que desempenha. Os Orixás são pertinentes à mitologia Iorubana, sobrevivente através dos muitos terreiros de Candomblé, Kêtu, Gexá e Nagô-Vodu.

*Oxaguian* — Orixá relacionado aos ritos da fertilidade, guerreiro e jovem. Essa divindade se apresenta nos terreiros de Candomblés como um rapaz portando espada, escudo e mão de pilão, seu principal símbolo. Oxaguian é relacionado com o menino Jesus, assim estabelecendo-se o sincretismo.

*Oxalufan* — Orixá da fertilidade e da procriação. Essa divindade se apresenta como um velho apoiando-se no "pachorô", espécie de cajado ritual, enfeitado de "adjás" e outros símbolos religiosos. Oxalufan tem um relacionamento católico com Nosso Senhor do Bonfim.

*Oxosse* — divindade que comanda a fartura alimentar, daí ser relacionado com as caças e frutas. Oxosse é também guerreiro lutando ao lado de Ogum. O Orixá Oxosse é dos mais populares no Brasil, recebendo relacionamentos religiosos com São Jorge, São Sebastião e São Expedito. Nos terreiros de Candomblé, Oxosse dança levando arco e seta, suas ferramentas rituais.

*Oxum* — divindade das águas, em especial das fontes, regatos e cascatas. É considerado a divindade dos dengues, beleza e riqueza. Oxum é cultivado através de presentes ao gosto das mulheres vaidosas. As nossas senhoras têm relacionamentos com o Orixá Oxum, variando os sincretismos conforme a localização dos cultos.

*Oxumarê* — é um Orixá de caráter bissexual, tendo seus aspectos masculinos e femininos relacionados com as serpentes macho e fêmea. O arco-íris também representa Oxumarê que, segundo as lendas, é corpo de serpente mágica que se estica para tomar sol, assim formando os prismas coloridos. Oxumarê nos rituais dos terreiros Jeje é conhecido por "Bessem", e nos Candomblés Angola-Congo como "Angoro".

*Peji* — santuário, local onde os símbolos dos Orixás, utensílios utilizados no culto e instrumentos musicais são guardados e vene-

rados dentro do rigor dos ritos. O Peji é uma designação comum aos Candomblés Iorubanos, estendendo-se também o termo aos rituais de outras nações. Peji é o mesmo que "Rundeme" ou "Sabagi", designações comuns aos terreiros Jeje e Angola-Congo.

*Quituteiras* — termo utilizado para designar "baianas de tabuleiros", mulheres que vendem nas ruas pratos dos "Orixás" e doces, em especial à base de milho e coco.

*Sirrum* — cerimônia fúnebre comum aos terreiros de Candomblés. O Sirrum, em alguns terreiros, é o termo utilizado para designar o término das obrigações rituais de cunho fúnebre. Os "Sirruns e os "Axexês" aparecem como cerimônias obrigatórias dos Candomblés, constituindo-se em práticas do mais alto significado religioso, pois a morte, na concepção dos Candomblés, é encarada como um rito de passagem, determinante de um prosseguimento que é mister dos zeladores dos terreiros de Candomblés.

*Terreiro Angola-Congo* — também chamado "Moxicongo", práticas especiais onde os rituais diferem dos Candomblés Ioruba ou Jeje. As cerimônias, melodias, danças, culinária e vocabulário de termos religiosos são peculiares. Presentes nos terreiros Angola-Congo, o culto aos "Inkices" é estabelecido e desenvolvido em calendários próprios, onde muitas festas são realizadas, podendo citar-se o "Kukuana" e "Boitá".

*Terreiro Ioruba* — predominante em número de templos, as casas Iorubas através dos terreiros Ketô são encontrados às centenas, onde observamos a fixação dos preceitos ligados aos cultos dos Orixás. As casas Iorubas têm nos terreiros do Axé Ilê Nassô, Axé Ilê Massi e Axé Opô Afonjó seus mais tradicionais centros.

*Terreiro Jeje* — sobrevivências das práticas dos negros daomeanos. O culto aos vodus é estabelecido, possuindo características especiais. Nos estados do Maranhão, Bahia e Rio de Janeiro, observamos alguns terreiros Jeje, realizando seus rituais dentro de suas concepções, cultuando as "cobras sagradas" e os "fenômenos da natureza". Os terreiros Jeje legaram muitas influências aos terreiros Iorubas, onde constatamos os cultos aos Orixás e a alguns Vodus.

*Vendedeiras* — o mesmo que "quituteiras" ou "baianas de tabuleiro".

*Vodu* — divindade nos terreiros Jeje. Os Vodus são encarados como “cobras sagradas”, recebendo votos especiais e liturgias próprias. No Brasil, o culto aos vodus não se popularizou com tanta expressão como o culto aos Orixás.

*Xangô* — Orixá dos mais populares no Brasil. No Lendário Iorubano Xangô, ocupa o papel de “mito-herói”, guerreiro, senhor do fogo e da justiça, tendo sido também o terceiro rei de Oyó. Xangô recebe os mais variados cultos no Brasil, possuindo relacionamentos religiosos com São João, São Pedro e São Jerônimo.

## BIBLIOGRAFIA

Brasil. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Rio de Janeiro. *Tipos e aspectos do Brasil*. Baseado em “Tipos e aspectos do Brasil”, uma publicação do Conselho Nacional de Geografia, illus. por Percy Lau [São Paulo, Revista dos Tribunais, 1960].

EXPILLY, Charles. *Les femmes et les mœurs du Brésil*. Paris, Charliou et Auillery, Editeurs, 1864.

LODY, Raul Giovanni da Motta. O traje da baiana. *O Fluminense*, Niterói, Rio de Janeiro.

## ICONOGRAFIA

Desenhos e gravuras de Debret, Rugendas e Carlos Julião. Observa-se variado uso dos “panos da costa”, incluindo maneiras de portar esse pano pelas mucamas, vendedeiras e outras negras de ganho.

## FONTES DE PESQUISA

- Terreiros da Bahia, Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Estado do Rio de Janeiro.
- Baianas de rua das cidades de Salvador e Rio de Janeiro.

Capa: Baianas do Bonfim portando panos da costa. Fotos de Raul Giovanni Lody.

PROGRAMAÇÃO GRÁFICA DE EVOLUARTE GERADORA PROMOCIONAL — 1977

---

Impr.: Gráfica Olímpica Editora, Ltda.

Cabe à CAMPANHA DE DEFESA  
DO FOLCLORE BRASILEIRO em  
plano nacional:

a

promover registros, pesquisas e levantamentos, cursos de formação e de especialização, exposições, publicações, festivais;

b

proteger o patrimônio folclórico, as artes e os folguedos populares;

c

organizar museus, bibliotecas, filmotecas e centros de documentação;

d

manter intercâmbio com entidades congêneres;

e

divulgar o folclore do Brasil.